

As vogais médias do século XV a partir das rimas do *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende

Juliana Simões Fonte

Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, campus de Araraquara (Brasil)

Abstract

This paper aims to analyze the rhymes of Garcia de Resende's *Cancioneiro Geral* (1516), in order to obtain information about the stressed mid vowels of Old Portuguese. The methodology adopted in this study is based on the mapping and analysis of all the rhymes of *Cancioneiro Geral* involving mid vowel in stressed syllable. Data from this research were compared to data from the 13th century, concerning the rhymes of Alfonso X's *Cantigas de Santa Maria*. As a result of this work, we present a general view on the phonetic realization of mid vowels in different periods of Portuguese.

Keywords: Mid vowels, rhymes, Old Portuguese, *Cancioneiro Geral*.

Palavras-chave: Vogais médias, rimas, português antigo, *Cancioneiro Geral*.

Introdução

O objetivo do presente artigo é analisar as rimas empregadas nos poemas do *Cancioneiro Geral* (1516), de Garcia de Resende, com o intuito de obter informações sobre a realização fonética das vogais médias (tônicas) do português do século XV e início do século XVI.

Sabe-se que o sistema vocálico do português atual, em posição tônica, apresenta quatro vogais médias: duas anteriores, /e/ e /ɛ/, e duas posteriores, /o/ e /ɔ/, representadas, na escrita, por apenas dois grafemas, <e> e <o>. No português atual, portanto, a diferença de timbre entre as vogais médias tônicas é fonológica (ex.: *o* /d/ε/do, *eu* d/ε/do, *o* /o/ho, *eu* /ɔ/lho).

No que diz respeito ao português antigo, como o sistema de escrita não atribui símbolos distintos para representar vogais médias abertas e fechadas, torna-se imprescindível a consulta aos textos poéticos remanescentes da época para obter informações relacionadas ao timbre vocálico, já que os recursos empregados na poesia - a rima, principalmente - podem fornecer pistas satisfatórias sobre a pronúncia vigente em períodos passados da língua, que não deixaram registros orais.

A metodologia adotada neste estudo baseia-se, pois, no mapeamento e análise de todas as rimas do *Cancioneiro Geral* (edição de Dias, 1990-1993) envolvendo vogal média na sílaba tônica. Levou-se em consideração o fato de que é preciso analisar as possibilidades e impossibilidades de rima entre vogais representadas por um mesmo grafema para se chegar aos resultados pretendidos, já que uma única letra pode estar associada a mais de um fonema.

Fonte (2010), a partir dessa mesma metodologia, observou as rimas empregadas nas *Cantigas de Santa Maria*, de Afonso X, elaboradas na segunda metade do século XIII, buscando informações sobre o sistema vocálico da época. Os dados da autora apontam, para o português arcaico (fase trovadoresca), um sistema fonológico também constituído de quatro vogais médias, na posição tônica: /e, ɛ, o, ɔ/.

Os dados de Fonte (2010) serão comparados aos resultados obtidos por esta pesquisa, dedicada às rimas do *Cancioneiro Geral*, a fim de que se possa obter um quadro geral sobre o comportamento das vogais médias portuguesas nas diferentes fases do período arcaico (cf. MICHAELIS DE VASCONCELOS, 1946).

Além disso, tendo em vista que a investigação de momentos passados da língua pode trazer informações relevantes para a compreensão de muitos fenômenos recorrentes em seu estado atual, o presente artigo também pretende trazer contribuições relevantes para o estudo do sistema fonológico do português de hoje, principalmente no que diz respeito à diferença de timbre entre suas vogais médias.

1. As vogais médias nas rimas das *Cantigas de Santa Maria*

Neste item do presente artigo, estão indicados os resultados obtidos por Fonte (2010), em sua análise das rimas empregadas nas 420 *Cantigas de Santa Maria*, de Afonso X, o Sábio, rei de Leão e Castela.

Partindo do rimário das cantigas afonsinas, elaborado por Betti (1997), Fonte (2010) fez um levantamento de todas as rimas envolvendo vogal média na sílaba tônica e, em seguida, investigou a ocorrência de vocábulos que não rimavam entre si, apesar de apresentarem terminações idênticas. A autora verificou, a partir desse trabalho, que algumas terminações podiam claramente ser divididas em dois grupos rimantes.

Textos Seleccionados, XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Coimbra, APL, 2013, pp. 383-395, ISBN: 978-989-97440-2-8

Segundo Fonte (2010), nas *Cantigas de Santa Maria*, verbos no infinitivo, tais como *comer*, *vencer*, *querer*, *prometer*, *vender* etc., e o substantivo *prazer*, por exemplo, não rimam com alguns verbos irregulares

da segunda conjugação, flexionados no futuro do subjuntivo, tais como *disser*, *quiser*, *souber*, etc., ou, no caso do verbo *querer*, flexionado na terceira pessoa do singular do presente do indicativo (*quer*), nem com o substantivo *moller* (*mulher*).

Da mesma forma, os verbos regulares da segunda conjugação, flexionados na terceira pessoa do singular do pretérito mais-que-perfeito do indicativo, tais como *prendera*, *prometera*, *vendera* etc., não rimam com alguns verbos irregulares de mesma conjugação, também flexionados na terceira pessoa do singular do pretérito mais-que-perfeito do indicativo, tais como *dissera*, *trouxera*, *quisera* etc., nem com a forma verbal *era* ou com substantivo *fera*. O mesmo vale para as formas correspondentes no plural: *encolheran* (*encolheram*) e *meteran* não rimam com verbos como *poseran*, *fezeran*, *manteveran* e *eran*, por exemplo.

No caso da terminação *-eron*, presente nos verbos de segunda conjugação flexionados na terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo, Fonte (2010) verificou que formas regulares como *morreron*, *prenderon*, *perderon*, entre outras, não rimam, nas *Cantigas de Santa Maria*, com verbos irregulares como *fezeron*, *quiseron* e *disseron*.

Para a terminação *-esse*, presente em verbos flexionados no pretérito imperfeito do subjuntivo, Fonte (2010) também encontrou dois grupos rimantes: um constituído por verbos regulares como *morresse*, *perdesse* e *vivesse*, e outro composto por verbos irregulares como *trouxesse*, *quisesse* e *soubesse*.

Sabendo que as rimas das *Cantigas de Santa Maria* são todas perfeitas (soantes), Fonte (2010) interpretou a impossibilidade de rima entre os termos acima referidos como um indício de que havia, em cada terminação, grafemas idênticos representando fonemas distintos. Corrobora essa interpretação o fato de que, no português atual, verifica-se essa mesma divisão: a vogal tônica, em *comer*, *vencer*, *vendera(m)*, *prometera(m)*, *encolheram*, *morresse*, é fechada (/e/), enquanto que, em *disser*, *quiser*, *quer*, *dissera*, *era*, *trouxera(m)*, *fizeram*, *quisesse*, é aberta (/ɛ/).

Os dados de Fonte (2010) apontam, pois, para uma semelhança entre o sistema vocálico do século XIII e o sistema vocálico do português atual, pelo menos no que diz respeito às vogais tônicas. Por meio dessa pesquisa, a autora confirmou, para a primeira fase do português arcaico, uma distinção de timbre entre as vogais médias, em posição tônica.

Por outro lado, vale observar que Fonte (2010) também constatou algumas diferenças entre o galego-português e o português atual. A autora registrou, no *corpus* analisado, a ocorrência de rima entre termos que apresentam, no português de hoje, vogais tônicas diferentes, em termos fonológicos. Da mesma forma, a estudiosa registrou a impossibilidade de rima entre terminações que apresentam exatamente os mesmos fonemas, no português atual. Compõem o primeiro caso as terminações *-eja*, *-ela* e *-essa*, entre as vogais médias anteriores, e as terminações *-ogo*, *-or* e *-osa*, entre as vogais médias posteriores. A terminação *-eu(s)* integra o segundo caso. Ao investigar a origem latina da vogal tônica presente em cada uma das terminações, Fonte (2010) constatou que todos esses casos de rima poderiam ser explicados historicamente.

No caso da terminação *-eu*, Fonte (2010) verificou que pronomes como *eu*, *meu*, *seu* e *teu*, além do substantivo *judeu*, rimam entre si, nas *Cantigas de Santa Maria*, mas jamais aparecem rimando com verbos de segunda conjugação flexionados na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, tais como *morreu*, *comeu* etc, ou com o substantivo *sandeu*. A impossibilidade de rima entre esses vocábulos que, no português atual, apresentam terminações idênticas, em termos fonológicos, indica que, no século XIII, a situação era outra. De fato, a etimologia dos pronomes *eu* (lat. *ēgo*) e *meu* (lat. *mēu*), por exemplo, assim como a do substantivo *judeu* (lat. *iudaeu*), leva-nos a acreditar que, nos primórdios da língua, a vogal média desses termos era aberta (/ɛ/), já que, de acordo com a regra de substituição do sistema vocálico latino pelo português, fartamente descrita pelas Gramáticas Históricas e Manuais de Filologia da Língua, *ē*, *ē* e *ae* latinos originaram, no português, uma vogal média aberta, na posição tônica.

É importante lembrar que estudiosos como Williams (1975[1938], p. 45), Silva Neto (1952, p. 413) e Cunha (1985, 1991) já haviam considerado a possibilidade de esses termos apresentarem, no português antigo, timbres vocálicos diferentes do atual. Os dados de Fonte (2010) confirmam, portanto, a hipótese levantada por estudos anteriores de que houve, ao longo da história da língua, uma mudança no timbre vocálico dos termos referidos. O trabalho de Fonte (2010) mostra, ainda, que a forma plural desses termos (*meus*, *teus*, *seus*, *judeus* etc.) aparece rimando, nas *Cantigas de Santa Maria*, com o substantivo *Deus* (lat. *dēus*) - o que inclui mais um caso de mudança de timbre vocálico, entre os dados já mencionados.

AS VOGAIS MÉDIAS DO SÉCULO XV A PARTIR DAS RIMAS DO *CANCIONEIRO GERAL DE GARCIA DE RESENDE*

Vale observar que Fonte (2010) também registrou, nas *Cantigas de Santa Maria*, em alguns poucos casos, o emprego da terminação *-eo* em verbos de segunda conjugação flexionados na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo (ex.: *viveo, recebeo, como, meteo*). A pesquisadora verificou que esses verbos rimam entre si, nas cantigas medievais religiosas, mas jamais aparecem rimando com termos como *ceo* e *veo*, por exemplo.

O outro caso de mudança observado por Fonte (2010) envolve a terminação *-eja*. De acordo com a autora, o substantivo *inveja* (lat. *invidia*) rima, nas cantigas afonsinas, com os verbos *seja* e *deseja*. Tomando

como base a regra de substituição das vogais latinas pelas portuguesas, segundo a qual *ĩ* latino originou, no português, uma vogal média fechada (/e/), Fonte (2010) infere que, no século XIII, o substantivo *inveja* era pronunciado com uma vogal média fechada (/e/), que se teria tornado aberta, ao longo da história da língua, por influência do *-a* átono final.

Os dados de Fonte (2010) sugerem, ainda, que também a vogal média anterior, presente no pronome demonstrativo *essa* (lat. *ĩpsa*) e no substantivo *promessa* (lat. *promĩssa*), era pronunciada, no século XIII, com um timbre diferente do atual. Segundo a autora, esses termos aparecem rimando, nas *Cantigas de Santa Maria*, com *abadessa* e *condessa*. A mudança, nesse caso, também teria sido provocada, ao que tudo indica, pela influência da vogal átona final.

Com relação à terminação *-ela*, Fonte (2010) mostra que os pronomes *ela* (lat. *ĩlla*) e *aquela* (lat. *eccuĩlla*), assim como o substantivo *donzela* (lat. *domnicĩlla*), rimam, nas *Cantigas de Santa Maria*, com formas verbais acompanhadas de clíticos (o pronome pessoal átono *a*) tais como: *vencê-la, movê-la, prendê-la*. Diante dessa possibilidade de rima, e tomando como base a origem histórica da vogal média, em cada termo, a autora considerou a hipótese de esses vocábulos serem pronunciados com um timbre vocálico diferente do atual, no século XIII (ex.: /e/la, /aqu/e/la, /donz/e/la). Por outro lado, como esses termos também aparecem rimando, no *corpus* referido, com vocábulos como *bela* (lat. *bēllus*) e *capela* (lat. *capēlla*), por exemplo, Fonte (2010) reconsiderou a hipótese, fazendo algumas ressalvas. Talvez seja o caso de dizer que, naquele momento da língua, ocorriam as duas pronúncias (com [e] e com [ɛ]), e que essa variação seria o reflexo de uma mudança em curso que originou o timbre vocálico atual desses termos.

No tangente às terminações com vogal média posterior, merece destaque o caso dos adjetivos comparativos *melhor* (lat. *melĩore*), *pior* (lat. *peiĩore*), *maior* (lat. *maiĩore*) e *menor* (lat. *minĩore*), que rimam, nas *Cantigas de Santa Maria*, conforme mostram os dados de Fonte (2010), com termos como *amor* e *senhor*, entre outros, cuja vogal média, na posição tônica, é fechada. Nesse mesmo grupo rimante, estão incluídos o substantivo *redor* e seus derivados (ex.: *arredor, derredor*). Novamente, baseando-se na origem histórica de cada termo, Fonte (2010) sugere que a vogal tônica, presente em *melhor, pior, maior, menor, redor, derredor* e *arredor*, era fechada, no século XIII, já que *ō* latino originou, no português, uma vogal média fechada, segundo a regra de substituição das vogais latinas pelas portuguesas.

Estudos anteriores (cf. Silva Neto, 1952; Nunes, 1960; Coutinho, 1974; Ramos, 1985) já haviam comentado a possibilidade de a vogal tônica desses termos ter alterado seu timbre, no decorrer da história da língua. Mais uma vez, portanto, os dados de Fonte (2010) confirmam a hipótese levantada por trabalhos precedentes.

Outro possível caso de mudança apontado por Fonte (2010) envolve o sufixo *-osa*, presente em adjetivos como *gloriosa* e *formosa*, por exemplo. A autora registrou, nas *Cantigas de Santa Maria*, rima entre esses adjetivos e o substantivo *esposa*. Sabendo que a vogal média da terminação *-osa*, nesses vocábulos, é proveniente de *ō* latino, que originou, no português, uma vogal média fechada, as Gramáticas Históricas e Manuais de Filologia da língua citam os adjetivos referidos, cuja vogal tônica é aberta, no português atual, como casos que representam uma exceção à regra de substituição das vogais latinas pelas portuguesas. Para Williams (1975[1938], p. 51) e Coutinho (1974, p. 105), a vogal média aberta, nesses adjetivos, explica-se pela influência da vogal átona final, que é responsável pela marcação do gênero feminino, nesses termos. Ramos (1985, p. 92), por sua vez, acredita que, no português arcaico, a vogal média desses adjetivos era fechada, e que a mudança teria ocorrido somente por volta do século XVI. Os dados de Fonte (2010) levam-nos a acreditar que, de fato, no século XIII, a forma feminina de adjetivos como *formoso, glorioso, maravilhoso* etc. ainda não havia passado pelo processo de transformação que tornou aberta sua vogal média posterior, em posição acentuada.

Há que se mencionar, ainda, o caso do substantivo *jogo* (lat. *jōcu*), que aparece rimando, nas cantigas afonsinas, tanto com o advérbio *logo* (lat. *lōcu*), quanto com o substantivo *fogo* (lat. *fōcu*), conforme revelam os dados de Fonte (2010). A pronúncia atual dos substantivos *jogo* e *fogo* também vai de encontro à regra de substituição das vogais latinas pelas vogais portuguesas, que determina que *ō* latino originou, no português,

uma vogal média aberta, na posição acentuada. A explicação para o fechamento da vogal média, nesses casos, é baseada no processo tradicionalmente conhecido como metafofia,¹ que atribui o fechamento da vogal média à influência da vogal átona final *-o*. De acordo com Fonte (2010), as rimas das *Cantigas de Santa Maria* permitem-nos inferir que, na língua falada pelos trovadores, a vogal tônica desses termos ainda era aberta, não tendo ocorrido, naquele momento, o processo de metafofia que, a propósito, não alterou a pronúncia da vogal tônica do advérbio *logo*, que continua aberta no português atual.

Os dados de Fonte (2010), apresentados ao longo desta seção, constituem um testemunho importante do sistema vocálico, em posição acentuada, vigente na época dos trovadores. Por meio da análise das rimas das *Cantigas de Santa Maria*, a autora fornece-nos um quadro geral referente à pronúncia das vogais médias tônicas, no século XIII.

Apresentamos, na seção a seguir, os resultados de uma pesquisa exclusivamente dedicada à segunda fase do português arcaico, compreendida entre a segunda metade do século XIV e o final do século XV (cf. MICHAELIS DE VASCONCELOS, 1946), a fim de obter um panorama histórico que abrange todo o período da língua portuguesa tradicionalmente conhecido como arcaico (de meados do século XIII ao final do século XV).

2. As vogais médias nas rimas do *Cancioneiro Geral*

Neste item do presente artigo, estão indicados e discutidos os resultados desta pesquisa referentes à análise de todas as rimas do *Cancioneiro Geral*, de Garcia de Resende, envolvendo vogal média na sílaba acentuada.

Publicada em 1516, a coletânea de Resende reúne poemas escritos ao longo do século XV e início do século XVI por cerca de 286 poetas (cf. Pimpão, 1942). Para Rocha (1987, p. 16), “a abundância de dados lingüísticos, etnográficos, históricos ou sociológicos”, que se verifica no *Cancioneiro Geral*, torna essa obra “de consulta imprescindível a quem queira estudar o período em causa”.

O primeiro passo desta pesquisa foi fazer um levantamento de todas as rimas entre vogais médias tônicas empregadas no *Cancioneiro Geral*, tomando como base a edição de Dias (1990-1993). Em seguida, analisamos as possibilidades e impossibilidades de rima entre os vocábulos associados a cada terminação. Deparamo-nos, nessa etapa do trabalho, com uma certa dificuldade em dividir as terminações em dois grupos rimantes. No *Cancioneiro Geral*, ao contrário do que vimos para as *Cantigas de Santa Maria*, não se verifica uma nítida separação entre vocábulos de terminação idêntica que não rimam entre si. Registramos, assim, na coletânea de Resende, diversos casos de rima entre termos que, no português atual, apresentam fonemas vocálicos diferentes, na sílaba tônica. Também ao contrário do que observou Fonte (2010), em seus dados do século XIII, a etimologia não explica, na maior parte dos casos, a possibilidade de rima, no português antigo.

No caso da terminação *-er*, por exemplo, verificamos que a forma infinita de verbos de segunda conjugação, tais como *escrever*, *morrer* e *querer* (também empregados como nomes), aparecem rimando, no *Cancioneiro* de Resende, com o substantivo *mulher* e com formas verbais como *vier*, *quiser* e *quer*, conforme mostram os exemplos a seguir:

(1)

Dom João Manuel
Ao pee da fresta adormeça,
se **vier**,
e cada dia avorreça
a vida mais qu’ o **morrer**.
(DIAS, nº 134, p. 401, v. I)

(2)

Dom João Manuel
nem vi nunca boons parentes
os da parte da **molher**,

¹ Os estudiosos classificam a metafofia como um processo assimilatório responsável pela mudança de timbre da vogal tônica por influência de uma vogal átona final. Para Xavier e Mateus (1990, p. 245), o processo de metafofia corresponde à mudança, no timbre da vogal tônica, por assimilação ao timbre de um segmento vocálico ou semivocálico contíguo.

² Para mais informações sobre a periodização do português, vejam-se os trabalhos de Leite de Vasconcellos (1959), Silva Neto (1956), Câmara Jr. (1979[1975]), Maia (1997[1986]), Messner (2002), Mattos e Silva (2006), Galves (2007) e Castro (2006).

AS VOGAIS MÉDIAS DO SÉCULO XV A PARTIR DAS RIMAS
DO *CANCIONEIRO GERAL* DE GARCIA DE RESENDE

*nem oficio d'escrever
mal servido de presentes.*
(DIAS, nº 142, p. 417, v. I)

(3)

Dom Goterre
*Pode-me ventura dar
tristeza quanta **quiser**,
mas nam se pode mudar
meu **querer**.*
(DIAS, nº 238, p. 72, v. II)

Para a terminação *-era*, registramos, no *corpus* analisado, rima entre verbos regulares e irregulares, flexionados no pretérito mais-que-perfeito do indicativo, como exemplificam as estrofes a seguir:

(4)

Conde do Vimioso
*Guai de mim, se nam **tevera**
quem lá tem tudo na mão,
a chegar nam m' **atrevera**,
se vos eu nam **conhecera**
o pôr desses pees no chão.*
(DIAS, nº 280, p. 147, v. II)

(5)

Diogo Brandam
*Deste devemos por certo de crer
que, ainda que cá muitos anos **vivera**,
na força do corpo podia envelhecer,
mas nunca d'alma velhice **tevera**.*
(DIAS, nº 333, p. 215, v. II)

No tangente à terminação *-esse*, verificamos que, no *Cancioneiro Geral*, há rimas entre verbos regulares e irregulares, flexionados no pretérito imperfeito do subjuntivo, conforme mostram os exemplos a seguir:

(6)

Conde do Vimioso
*Mas, por que me **falecesse**
tomar isto por conforto,
quis Ventura que **soubesse**
que, querendo o que **quisesse**,
nam me quer vivo nem morto.*
(DIAS, nº 281, p. 151, v. II)

(7)

Gregório Afonso
*Renego tambem do meu
amigo por **interesse**,
arrenego se **quisesse**
entender nem ver mil cousas.*
(DIAS, nº 561, p. 76, v. III)

Cabe observar que a rima entre o substantivo *interesse* e a forma verbal *quisesse* constitui um dos poucos casos, neste trabalho, que poderiam ser justificados pela origem histórica dos termos. Como a vogal

acentuada, em *interesse*, é proveniente de *ē* latino (*interēsse*),³ é considerável a hipótese de que, no português antigo, esse substantivo apresentasse uma vogal média aberta (/ɛ/), na sílaba acentuada.

Os exemplos apontados acima já são suficientes para manifestar as diferenças entre as rimas do século XIII e as rimas do século XV e início do século XVI. No item anterior, referente às rimas das *Cantigas de Santa Maria*, mostramos que, nas cantigas afonsinas, formas verbais regulares, como *comer*, *vencer*, *vendera*, *prometera*, *encolheram*, *morresse*, entre outras, não rimam com formas verbais irregulares como *disser*, *quiser*, *quer*, *dissera*, *era*, *fizeram* e *quisesse*, por exemplo.

Sabe-se que, no português atual, verbos irregulares como *dar*, *estar*, *caber*, *dizer*, *fazer*, *haver*, *poder*, *querer*, *saber*, *ter*, *trazer*, *pôr* e *vir*, em determinadas pessoas do pretérito perfeito e mais-que-perfeito do indicativo, do pretérito imperfeito do subjuntivo e do futuro do subjuntivo, apresentam uma vogal média aberta (/ɛ/), na sílaba tônica, diferente, portanto, da vogal média fechada (/e/), presente na sílaba acentuada de verbos regulares de segunda conjugação (ex.: *aprender*, *beber*, *comer*, *conhecer*, *correr*, *descer*, *entender*, *esquecer*, *falecer*, *meter*, *morrer*, *perder* etc), flexionados nas formas correspondentes. Temos, assim, no português atual, para o verbo *fazer*, por exemplo, formas com vogal média aberta, na sílaba acentuada, como em *fiz/ɛ/ste(s)*, *fiz/ɛ/ra(s)*, *fiz/ɛ/ramos*, *fiz/ɛ/reis*, *fiz/ɛ/ram*, *fiz/ɛ/sse(s)*, *fiz/ɛ/ssemos*, *fiz/ɛ/sseis*, *fiz/ɛ/ssem*, *fiz/ɛ/r(es)*, *fiz/ɛ/rmos*, *fiz/ɛ/rdes*, *fiz/ɛ/rem*, ao passo que, para os verbos regulares, como *vencer*, por exemplo, a vogal tônica, nesses casos, é sempre fechada: *venc/e/ste(s)*, *venc/e/ra(s)*, *venc/e/ramos*, *venc/e/reis*, *venc/e/ram*, *venc/e/sse(s)*, *venc/e/ssemos*, *venc/e/sseis*, *venc/e/ssem*, *venc/e/r(es)*, *venc/e/rmos*, *venc/e/rdes* e *venc/e/rem*.

As estrofes do *Cancioneiro Geral*, apontadas nesta seção, mostraram que ocorre, na coletânea de Resende, rima entre muitas das formas verbais regulares e irregulares referidas acima. Se ignorássemos os dados do século XIII, apresentados na subseção anterior, poderíamos interpretar essas rimas do *Cancioneiro Geral* como um indício de que a diferença de timbre entre as vogais tônicas dessas formas verbais (regulares e irregulares) é recente no português. Contudo, as rimas das *Cantigas de Santa Maria* sugerem que, na primeira fase do PA, as formas verbais regulares e irregulares em questão já não apresentavam o mesmo fonema vocálico, na sílaba acentuada.

Para aprofundarmos a discussão sobre as diferenças entre as rimas empregadas em cada obra, é importante que sejam apresentados os demais dados obtidos nesta pesquisa. Arrolamos, a seguir, outros exemplos de rima, no *Cancioneiro Geral*, entre termos que, no português atual, apresentam fonemas vocálicos distintos, na posição acentuada. Em (8), estão indicadas as rimas envolvendo vogal média anterior e, em (9), as terminações com vogal média posterior:

(8)

peça/esqueça/empeça (nº: 597)
peço/mereço (nº: 501)
mereço/empeço/peço (nº: 566)
queda/seda (nº: 32, 504, 619)
arreda/leda (nº: 57, 82)
Raboreda/moeda/azedas/queda/vereda (nº: 71)
leda/queeda (nº: 104)
seda/moeda/queda (nº: 618)
leda/queda (nº: 668)
leda/moeda (nº: 869)
moedas/azedas (nº: 57)
enveja/sobeja (nº: 394)
Beeja/enveja (nº: 518)
deseja/enveja (nº: 574)
Beja/enveja (nº: 587)
enveja/Beja (nº: 589)
inveja/veja (nº: 618)
dela/sofrê-la (nº: 22)
querela/dizê-la (nº: 119)

³ Todas as informações sobre a origem histórica das palavras, neste trabalho, são baseadas nos dicionários de Corominas (1980-1991), Cunha (2000) e Saraiva (2006).

AS VOGAIS MÉDIAS DO SÉCULO XV A PARTIR DAS RIMAS
DO CANCIONEIRO GERAL DE GARCIA DE RESENDE

vê-la/ela (nº: 251)
perdê-la/ela (nº: 251)
ela/dela/esquecê-la (nº: 308)
perdê-la/nela (nº: 333)
naquela/vê-la/nela (nº: 360)
dela/perdê-la/ela (nº: 376)
entendê-la/nela (nº: 453)
perdê-la/nela (nº: 571)
ela/perdê-la (nº: 579)
ela/conhecê-la/vê-la (nº: 582)
sofrê-la/ela (nº: 608)
perdê-la/querela (nº: 608)
perdê-la/ela (nº: 608)
dela/ela/vê-la (nº: 611)
vencê-la/ela (nº: 711)
ela/mazela/conhecê-la (nº: 725)
perdê-la/nela (nº: 814)
perdê-la/dela (nº: 816)
dizê-las/querelas (nº: 345)
delas/estrelas (nº: 361)
elas/conhecê-las (nº: 519)
estrelas/elas/querelas (nº: 832)
velho/conselho (nº: 595)
conselho/velho (nº: 615, 711, 803, 836, 880)
Arelho/conselho/coelho/vermelho/velho (nº: 802)
velho/artelho (nº: 838)
velho/coelho (nº: 865)
elo/perdê-lo (nº: 35)
capelo/selo/amarelo (nº: 480)
espero/desespero/quero (nº: 728)
pesa/despesa (nº: 87, 519)
mesa/pesa (nº: 88)
Princesa/pesa (nº: 216)
defesa/pesa (nº: 249)
pesa/mesa/defesa/acesa (nº: 280)
pesa/empresa (nº: 613)
defesa/pesa/despesa (nº: 626)
pesa/defesa (nº: 803, 814)
pressa/avessa (nº: 1)
processo/avesso (nº: 1)
arremesso/messo (nº: 602)
Valdeverso/atravesso/avesso (nº: 618)
fresta/besta (nº: 611)
festa/besta (nº: 611)
reto/prometo/carreto (nº: 535)
deve/teve (nº: 20, 86, 611)
teve/deve (nº: 62)
reteve/deve (nº: 62)
tristeza/despreza (nº: 333)
Alteza/tristeza/largueza/reza (nº: 367)
vileza/lindeza/preza/fortaleza (nº: 445)
natureza/nobreza/graveza/despreza/rudeza (nº: 475)
preza/firmeza/gentileza (nº: 574)
gentileza/despreza (nº: 583)
despreza/Alteza (nº: 598)
preza/Alteza (nº: 598)

(9)

modos/todos (nº: 615)
fogo/logo (nº: 1)
logo/fogo (nº: 57, 102)
logo/rogo/fogo (nº: 87)
logo/jogo/fogo (nº: 183)
autor/maior/amador (nº: 1)
derredor/honor/emperador (nº: 1)
melhor/maior/Senhor (nº: 86)
dor/pior (nº: 103)
servidor/milhor (nº: 169)
cor/derredor/valor (nº: 457)
favor/pior (nº: 535)
redor/Senhor (nº: 711)
derredor/temor/Senhor (nº: 861)
maiores/valores/vencedores (nº: 1)
melhores/amores (nº: 31)
maiores/amores (nº: 119)
renovo/novo (nº: 1)

Conforme se pode notar, algumas das rimas arroladas acima também ocorrem nas *Cantigas de Santa Maria* - e são justamente as que Fonte (2010) procurou justificar por meio da origem histórica de cada termo (ex.: *inveja, jogo, fogo, maior, melhor etc.*). Curioso, entre os dados desta pesquisa, é o caso dos adjetivos terminados em *-osa*, que aparecem rimando, no *Cancioneiro Geral*, com o substantivo *rosa* (lat. *rōsa*), e não mais com *esposa* (lat. *spōnsa*). Poderíamos supor, a partir desse dado, que, na segunda fase do português arcaico, a vogal média desses adjetivos já não era fechada. Da mesma forma, poderíamos propor, para as rimas das *Cantigas de Santa Maria* que se repetem no *Cancioneiro Geral*, que a vogal tônica dos termos rimantes não sofreu alterações, ao longo dos séculos que separam essas duas obras. Contudo, os demais dados indicados acima parecem apontar outro caminho.

Como já observado anteriormente neste artigo, o recurso à etimologia de cada termo não é suficiente para explicar todas essas possibilidades de rima, no *Cancioneiro Geral*, uma vez que a procedência latina dessas vogais médias, na maior parte dos casos, indica fonemas vocálicos diferentes, entre os termos rimantes. Tomando como exemplo a rima *seda/moeda/queda*, se consultarmos o étimo latino de cada termo rimante - *seda* (lat. *saeta*), *moeda* (lat. *monēta*) e *queda* (lat. *caeda*) - veremos que o timbre atual não corresponde à origem histórica em dois desses vocábulos: *seda*, que deveria apresentar uma vogal média aberta, na sílaba tônica; e *moeda* que, ao contrário, deveria apresentar uma vogal média fechada, na posição acentuada. Ainda assim, a rima entre os três termos não estaria justificada, porque continua sendo entre fonemas diferentes: /ɛ/ e /e/, seja no timbre atual (*s/e/da - mo/e/da, qu/e/da*), seja no timbre correspondente à origem latina (*mo/e/da - s/e/da, qu/e/da*). Outro exemplo que merece destaque é o da rima *Arelho/conselho/coelho/vermelho/velho*. A origem latina determina, para *velho* (lat. *vētulus*), um fonema vocálico diferente, em relação aos demais termos - *conselho* (lat. *consīlium*), *coelho* (lat. *cunīculus*) e *vermelho* (lat. *vermīculus*).

Diante desses dados, parece evidente que o modelo de rima empregado no *Cancioneiro Geral* não corresponde ao que observamos nas *Cantigas de Santa Maria*. Estudiosos afirmam que, no século XV (após Gil Vicente, na verdade), era comum, na poesia portuguesa, rima entre vogal média aberta e fechada. Talvez seja baseada nessa afirmação a explicação para as rimas do *Cancioneiro Geral* acima discutidas. Contudo, acreditamos que dizer, simplesmente, que era comum, na época, rima entre vogal média aberta e fechada significa reduzir demais as possibilidades de interpretação que os dados deste trabalho proporcionam. É preciso, antes, traduzir as pistas que esse tipo de rima pode estar revelando sobre as vogais médias da época.

Talvez seja o caso de dizer que, naquele momento da língua, contemporâneo aos poetas do *Cancioneiro Geral*, houve uma certa confusão em relação ao timbre das vogais médias portuguesas, o que teria acarretado variação na pronúncia - daí a possibilidade de rima. Confusão que não acontecia, muito provavelmente, no período trovadoresco, a julgar pelas rimas das *Cantigas de Santa Maria*, que só indicaram uma possível variação na pronúncia da vogal tônica de termos como *ela, aquela e donzela*, por exemplo.

Um argumento a favor dessa hipótese é o fato de essa diferença de timbre ser sutil, no português atual, e, muitas vezes, frágil, suscetível à variação. Alguns termos, ainda hoje, variam quanto à pronúncia da vogal média tônica, ou seja, ainda não apresentam um único timbre estabelecido (vejam-se, por exemplo, as

AS VOGAIS MÉDIAS DO SÉCULO XV A PARTIR DAS RIMAS DO *CANCIONEIRO GERAL* DE GARCIA DE RESENDE

diferentes pronúncias possíveis para *Tejo*, tanto em Portugal, como no Brasil). Para citar um exemplo envolvendo termos empregados nas rimas do *Cancioneiro Geral*, vale comentar o caso de palavras como *velho* e *vermelho*: enquanto, no Brasil, há uma clara diferença entre as terminações desses vocábulos, porque apresentam vogais médias distintas, do ponto de vista fonológico (*v/ε/lho* e *verm/e/lho*), em Portugal, por vezes, essa diferença não é assim tão evidente, porque a consoante palatal (/ʎ/) da sílaba seguinte pode influenciar na pronúncia da vogal média. Cabe mencionar, também, o caso do galego, que preserva, ainda hoje, a variação na pronúncia da vogal tônica de muitos dos termos referidos neste artigo: *l[e]da ~ l[ε]da*, *quer[e]lla ~ quer[ε]lla*, *aqu[e]lla ~ aqu[ε]lla*, *[e]lla ~ [ε]lla*, *cap[ε]llo ~ cap[e]llo*, *def[e]nsa ~ def[ε]nsa*, *av[ε]sa ~ av[e]sa*, *av[ε]so ~ av[e]so*, *proc[ε]so ~ proc[e]so*, *[e]ju ~ [ε]ju*, *m[e]ju ~ m[ε]ju*, *s[e]ju ~ s[ε]ju*, *t[e]ju ~ t[ε]ju*, *f[ɔ]go ~ f[o]go*, *x[ɔ]go ~ x[o]go*, *n[ɔ]vo ~ n[o]vo*. (cf. *Dicionário de pronúncia da língua galega*). Todos esses dados permitem-nos considerar a possibilidade de as rimas do *Cancioneiro Geral* não serem, afinal, “imperfeitas”.

Além disso, há, no português atual, poucos exemplos de pares mínimos envolvendo os fonemas /e/ e /ε/, assim como /o/ e /ɔ/. As rimas apresentadas neste trabalho podem estar revelando, inclusive, que o português esteve a um passo de adquirir uma fonologia semelhante à do espanhol, em que a distinção de timbre, entre as vogais médias, não é fonológica. Não se pode desprezar, nesse caso, o fato de que os falantes de português tinham um contato frequente com a língua castelhana, na época. O próprio *Cancioneiro Geral* traz composições castelhanas em meio às portuguesas, que representam a grande maioria, na obra. A propósito, a influência das rimas da poesia castelhana, presente na coletânea de Resende, constitui outra explicação possível para as rimas apresentadas ao longo desta seção.

Outro ponto que merece ser discutido, quando o assunto é a diferença de timbre entre as vogais médias da língua, na posição acentuada, é o caso da flexão verbal do português. Segundo Mateus (2003), na primeira pessoa do singular do presente (indicativo e subjuntivo), ocorre harmonização entre a vogal média tônica e a vogal temática dos verbos, nas três conjugações (-ar, -er, -ir). De acordo com a autora, a vogal temática, antes de ser suprimida, deixa o seu traço de altura flutuante, que se liga à vogal subespecificada (o que ocorre antes da colocação do acento). Assim, na primeira conjugação, a vogal média fica aberta (*levo, leve, moro, more*), por influência da vogal temática *a*; na segunda conjugação, a vogal média é fechada (*devo, deva, movo, mova*), por influência da vogal temática *e*; e na terceira conjugação, a vogal tônica torna-se alta (*firo, fra, durmo, durma*), por influência da vogal temática *i*. Há, entretanto, algumas exceções a essa regra: *chego, quero, peço* e *impeço*, por exemplo.

No que diz respeito ao abaixamento da vogal média, nas segunda e terceira pessoas do singular, e na terceira pessoa do plural, também no presente do indicativo e subjuntivo, Mateus (2003) explica que, nos casos em que a vogal temática não é suprimida, após a colocação do acento, a vogal média recebe o traço [+baixo] (ex.: *levas, moras, deves, moves, feres, dormes*). Cabe observar que tal regra só se aplica a vogais que não apresentem o traço [+alto] (*i, u*), nem o traço [-baixo] (*a*), ou seja, deve ser uma vogal média. No caso da presença do traço [+alto], há exceções para a vogal posterior: *fugir* e *subir*, por exemplo.

Mateus (2003) mostra que autores como Williams (1975[1938]) e Piel (1944) explicam essa alternância vocálica, nos verbos do português, a partir de analogia e assimilação com a vogal átona final (ou com a semivogal de alguns verbos latinos), mas não mencionam a influência da vogal temática. Para Williams (1975[1938]), nos verbos regulares das segunda e terceira conjugações, com vogal breve no radical latino (ex.: *verter, volver, servir, dormir*), a diferença de timbre entre a vogal tônica da primeira pessoa do singular e a das demais pessoas (nas formas rizotônicas) do presente do indicativo deve-se à influência da vogal átona final -o, marca de primeira pessoa. Segundo o autor, no português antigo, essa assimilação ainda não teria ocorrido e, portanto, as vogais tônicas eram médias abertas, na 2ª conjugação (*v[ε]rto, v[ɔ]lvo*), e médias fechadas, na 3ª conjugação (*s[e]rvo, d[o]rmo*), por influência da semivogal latina (*sěrvĭo, dōrmĭo*). No que diz respeito ao presente do subjuntivo, o autor declara que a vogal média fechada ocorre por analogia às formas do indicativo.

Diante dessas asserções, Mateus (2003) indaga qual seria a explicação para a ocorrência da vogal média aberta em formas que, no latim, não apresentavam uma vogal média breve, mas outras vogais, que originaram, no português, vogais médias fechadas: *d[ε]ve* (dēbet), *s[ɔ]be* (sūbĭt), *t[ɔ]sse* (tūssĭt).

⁴ De acordo com Xavier e Mateus (1990, p. 200), a harmonia vocálica corresponde “ao modo como a articulação de uma vogal é influenciada pelas propriedades de outra(s) vogal(ais) na mesma palavra ou no mesmo grupo de palavras”.

⁵ Para conhecer outras propostas de análise fonológica à alternância vocálica envolvendo determinadas formas verbais do português, veja-se o trabalho de Battisti e Vieira (2005).

Observando os dados arrolados em (8) e (9), verifica-se que muitas das rimas apontadas envolvem formas verbais do presente, tais como: *peça/esqueça/empeça*, *mereço/empeço/peço*, *espero/desespero/quero*, *pesa/despesa*, *reto/prometo/carreto*, *deve/teve* e *tristeza/despreza*. Tais exemplos contemplam tanto rimas exclusivamente entre verbos (*peça/esqueça/empeça*, *mereço/empeço/peço*, *deve/teve*), quanto rimas entre verbos e nomes (*espero/desespero/quero*, *pesa/despesa*, *reto/prometo/carreto*, *tristeza/despreza*).

Particularmente em relação ao primeiro caso, é interessante notar, entre os termos rimantes, a ocorrência das formas verbais *peça*, *peço*, *empeça* e *empeço*, correspondentes aos verbos de terceira conjugação *pedir* e *impedir*, apontados anteriormente como uma exceção à regra de harmonização vocálica referida, que determina uma vogal tônica alta para os verbos da terceira conjugação flexionados na primeira pessoa do presente do indicativo e do subjuntivo (ex.: *firo*, *fira*). A rima *deve/teve* também traz um componente que merece apreço: o verbo *dever* (lat. *dēbēre*), mencionado, acima, como um exemplo de que a origem latina não é suficiente para explicar todos os casos de abaixamento vocálico entre os verbos do português atual (ex.: *deve*, *deves* etc.). A ocorrência dessas formas verbais, nas rimas do *Cancioneiro Geral*, leva-nos a refletir sobre a atuação dos processos de harmonia e abaixamento vocálicos no português antigo. Parece aceitável a ideia de que, no século XV, essas regras ainda não estivessem totalmente estabelecidas e, em virtude de uma confusão envolvendo a origem histórica dos verbos e a aplicação de processos fonético-fonológicos, fosse comum, entre os falantes da época, uma variação na pronúncia dessas formas verbais do presente. Nossa proposta é a de que, no português falado por Garcia de Resende e seus contemporâneos, as regras de harmonização e abaixamento estavam começando a atuar na flexão verbal, porque o que prevalecia, até então, era o timbre vocálico correspondente ao étimo latino (ex.: *petere*, *debere*, *escaecer*, *quaerere*). Vale dizer que, em muitos casos, é esse timbre correspondente à origem histórica que permanece no português atual (ex.: *peço*, *peça*, *quero*, *deseja* etc.), e não o timbre resultante dos processos fonético-fonológicos referidos.

No caso das rimas entre verbos e nomes (*pesa/despesa*, *tristeza/despreza*, *reto/prometo/carreto*), merece atenção o fato de todos os vocábulos envolvidos terminarem em *-a* ou *-o*: vogais tradicionalmente apontadas como gatilho em processos de metafofia, responsáveis pela abertura e fechamento de fonemas vocálicos. Tal razão autoriza-nos a suspeitar da influência dessas vogais na pronúncia da vogal tônica de termos como *despesa* (*desp[ɛ]sa*), *tristeza* (*trist[ɛ]za*) e *reto* (*r[ɛ]to*), no português antigo. Essa hipótese tem respaldo em outros dados, já discutidos neste trabalho, referentes a mudanças de timbre vocálico, por influência, ao que tudo indica, da vogal átona final *-a* e *-o*: *gloriosa*, *formosa*, *essa*, *promessa*, *jogo*, *fogo*, entre outros exemplos. Essa explicação poderia, inclusive, ser estendida para outras rimas do *Cancioneiro Geral* envolvendo *-a* e *-o* postônicos finais, tais como *fresta/besta*, *festa/besta*, *defesa/pesa* etc. Um argumento a favor dessa hipótese é o fato de haver, no galego atual, variação na pronúncia da vogal tônica de termos como *despesa* (*despesa*) e *defensa* (*defesa*): segundo o *Dicionario de pronuncia da lingua galega*, ocorrem, na Galícia, *desp[ɛ]nsa* ~ *desp[ɛ]nsa* e *def[ɛ]nsa* ~ *deff[ɛ]nsa*.

A rima *espero/desespero/quero*, também entre verbos e nome (*desespero*), constitui outro caso que poderia ser interpretado a partir dos dados do galego atual. Uma breve consulta ao *Dicionario de pronuncia da lingua galega* mostrou que muitos dos substantivos com terminação *-o*, que apresentam, no português atual, uma vogal média fechada, na sílaba tônica, são pronunciados, no galego, com uma vogal média aberta: *sos[ɛ]go* (*sossego*), *ap[ɛ]rto*, *[ɛ]rro*, *gov[ɛ]rno* (*governo*), *desesp[ɛ]ro*, *c[ɛ]lo* (*zelo*). Caso tivéssemos, no português de hoje, uma pronúncia como a do galego, para esses casos, não teríamos a seguinte distinção entre nomes e verbos: (*o*) *soss[ɛ]go* - (*eu*) *soss[ɛ]go*, (*o*) *ap[ɛ]rto* - (*eu*) *ap[ɛ]rto*, (*o*) *[ɛ]rro* - (*eu*) *[ɛ]rro*, (*o*) *gov[ɛ]rno* - (*eu*) *gov[ɛ]rno*, (*o*) *desesp[ɛ]ro* - (*eu*) *desesp[ɛ]ro*, (*o*) *z[ɛ]lo* - (*eu*) *z[ɛ]lo* etc. Se considerarmos a hipótese de, no português antigo, esses nomes terem sido pronunciados com vogal média aberta (em variação com a fechada, talvez), na sílaba tônica, a rima referida estaria explicada.

Em suma, o presente estudo vem propor que as rimas do *Cancioneiro Geral*, ao contrário do que possam parecer, à luz de dados atuais, não eram imperfeitas, na época em que foram empregadas. Se os vocábulos analisados foram dispostos em rima pelos poetas dos séculos XV e XVI, não é recusável a ideia de que havia uma perfeita correspondência entre os fonemas rimantes, em alguma(s) das pronúncias recorrentes no português de então.

Interessante acrescentar que, entre tantas rimas possíveis, no *Cancioneiro Geral*, a divisão envolvendo a terminação *-eu*, nas *Cantigas de Santa Maria*, permanece na coletânea de Resende. Verificamos que, no *Cancioneiro Geral*, como nas cantigas afonsinas, termos como *eu*, *meu*, *teu*, *seu* e *judeu* rimam entre si, mas jamais aparecem rimando com verbos da segunda conjugação flexionados na terceira pessoa do singular do

**AS VOGAIS MÉDIAS DO SÉCULO XV A PARTIR DAS RIMAS
DO *CANCIONEIRO GERAL* DE GARCIA DE RESENDE**

pretérito perfeito do indicativo. Esses verbos, inclusive, são grafados exclusivamente com a terminação *-eo* (ex.: *perdeo, venceo, escondo*), na obra de Resende. Vejamos alguns exemplos dessas rimas no *Cancioneiro Geral*:

(10)

Nuno Pereira
*E vosso pai e o meu
quatro gíolhos, e nós
outro tanto, vós e eu,
soes a mi e eu a vós.*
(DIAS, nº 89, p. 283, v. I)

(11)

Diogo Brandam
*Do qual mui bem creio, sem contradiçam,
julgando sas obras e como morreo,
que deve bem certo de ter salvaçam,
pois tam justamente sempre viveo.*
(DIAS, nº 333, p. 213, v. II)

Verificamos, entretanto, uma diferença significativa desse esquema rímico, em relação às rimas do século XIII. Nas *Cantigas de Santa Maria*, o termo *sandeu*, cuja etimologia é desconhecida (ou incerta), rimava com os verbos da segunda conjugação flexionados na terceira pessoa do singular, no pretérito perfeito do indicativo, e jamais aparecia rimando, portanto, com os pronomes *eu, meu, teu, seu*, entre outras palavras pertencentes a este grupo rimante. No *Cancioneiro Geral*, essa situação inverteu-se, conforme mostram os exemplos a seguir:

(12)

Dom João Manoel
*A toda outra razam
acudo como sandeu,
ham-me ja por moucarrãao
e pior que o sam eu.*
(DIAS, nº 155, p. 435, v. I)

(13)

João Barbato
*_ Al me podês vós rogar,
respondi, senhora, eu,
mas de vos esta quitar,
eu seria de tachar
por muito mais que sandeu.*
(DIAS, nº 183, p. 490, v. I)

Para Cunha (1985, 1991), tal inversão revela que, no século XV e início do século XVI, a vogal média dos pronomes *eu* e *meu*, por exemplo, já não era aberta, como no século XIII - o que justifica a rima com o termo *sandeu*, cuja vogal média sempre teria sido fechada. A explicação de Cunha (1985, 1991) para não haver rima, ainda no século XV, entre esses termos (*sandeu, eu, meu, teu, seu, judeu* etc.) e os verbos referidos baseia-se na vogal átona final dessas formas verbais: o autor acredita que a nova grafia, com *-o* átono final (*morreo, venceo, viveo*), e não mais com *-u* (*morreu, venceu, viveu*), adotada na coletânea de Resende, indica que a pronúncia dessa semivogal não seria a mesma que em *meu* e *sandeu*, por exemplo. A diferença entre as vogais postônicas, portanto, estaria impedindo a rima. Learned (1950), por sua vez, acredita que a mudança esteja no termo *sandeu*, que teria deixado de rimar com os verbos porque teve seu timbre vocálico alterado.

Considerando-se as hipóteses, levantadas neste artigo, sobre as rimas do *Cancioneiro Geral* e as vogais médias da época, parece apropriada a proposta de Cunha (1985, 1991) de que não é a vogal média que está impedindo uma rima entre *meu* e *morreu*, por exemplo. Quanto à rima envolvendo o vocábulo *sandeu*, não é

recusável a ideia de que, no século XV e início do século XVI, a vogal tônica desse substantivo permanecesse a mesma do século XIII. A mudança (em curso, talvez) estaria na vogal média dos pronomes *eu, meu, teu e seu*, entre outros termos.

A atestar o argumento de que a vogal postônica final pode interferir na escolha das rimas está o exemplo a seguir:

(14)

O cuidar e o sospirar
Senhora, valhe-me Deos,
valha-me vossa mercê,
valê-me, senhora, vós,
poes meu agravo se vê.
 (DIAS, nº 1, p. 50, v. I)

Para Cunha (1985, 1991), no século XV, a vogal média de *Deus* já não era aberta, como no século XIII, e a rima entre *Deos* e *vós*, no *Cancioneiro Geral*, assim como a impossibilidade de rima entre *Deus* e termos como *judeus* e *meus*, por exemplo - rima que ocorria nas cantigas trovadorescas - podem ser um indício de que a segunda vogal do ditongo em *Deos*, grafada com *-o*, e não mais com *-u*, também não apresentasse, naquele período da língua, a mesma pronúncia da semivogal em *judeus* ou *meus*. Não se pode desconsiderar, no entanto, o fato de que a rima entre *Deos* e *vós* pode não passar de uma influência das composições em língua castelhana, presentes na coletânea de Resende, já que, em espanhol, a rima entre *Dios* e *vos* é perfeitamente possível.

3. Considerações finais

Os resultados desta pesquisa sugerem, para o século XV e início do século XVI, um comportamento das vogais médias portuguesas, em posição acentuada, diferente daquele atestado por Fonte (2010) para o período trovadoresco.

Os dados das *Cantigas de Santa Maria* sugeriram que, no século XIII (primeira fase do português arcaico), a vogal média de termos como *inveja, essa, Deus, fogo, gloriosa, maior* etc. ainda preservava um timbre correspondente ao étimo latino e, portanto, diferente do atual.

As rimas do *Cancioneiro Geral*, por seu turno, sugerem que, no século XV e início do século XVI, a atuação de processos assimilatórios, tais como a harmonia vocálica e a metafoia, por exemplo, passou a interferir na pronúncia das vogais tônicas da época, surgindo, assim, uma variação entre formas etimológicas, de um lado, e formas fonéticas, de outro. No decorrer da história da língua, essa variação foi diminuindo e estabeleceram-se os timbres vocálicos atuais. Em alguns casos, prevaleceu a variante fonética (ex.: *[ɛ]ssa, prom[ɛ]ssa, env[ɛ]ja, av[ɛ]sso, form[ɔ]sa, glori[ɔ]sa, f[o]go, j[o]go, n[o]vo*) e, em outros, a variante etimológica (ex.: *b[e]sta, trist[e]za, r[ɛ]to, v[ɛ]lho, l[ɔ]go, m[ɛ]do*).

Ao analisar as rimas da poesia remanescente do século XV e início do século XVI, e comparar tais resultados àqueles provenientes do século XIII, este trabalho, além de obter informações importantes sobre a história das vogais portuguesas, também vem fornecer dados linguísticos que nos permitem identificar as principais diferenças - pelo menos no que diz respeito às qualidades vocálicas da língua - entre os diferentes períodos do português.

Referências

- BATTISTI, E.; VIEIRA, M. J. B. O sistema vocálico do português. In: BISOL, L. *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. p. 165-201.
- BETTI, M. P. *Rimario e Lessico in Rima delle Cantigas de Santa Maria di Alfonso X di Castiglia*. Pisa: Pacini Editore, 1997.
- CÂMARA JR., J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Padrão, 1979. (1ª edição brasileira: 1975)
- CASTRO, I. *Introdução à História do Português*. Lisboa: Colibri, 2006.
- COROMINAS, J.; PASCUAL, J. *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*. Madrid: Gredos, 1980-1991. (vols. I-VI)
- COUTINHO, I. L. *Pontos de gramática histórica*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974.
- CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

**AS VOGAIS MÉDIAS DO SÉCULO XV A PARTIR DAS RIMAS
DO CANCIONEIRO GERAL DE GARCIA DE RESENDE**

- CUNHA, C. O valor das finais *-eu* e *-eo* na língua portuguesa do século XVI. In: *Actes du XVII^e Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes* (Aix-en-Provence, 29 août-3septembre 1983), vol. III, Aix-en-Provence - Marseille, 1985, p. 272-278.
- CUNHA, C. Valor das grafias *-eu* e *-eo* na língua portuguesa do século XIII ao século XVI. In: *Estudos Portugueses. Homenagem a Luciana Stegagno Picchio*. Lisboa, Difel, 1991, p. 913-927.
- DIAS, A. F. *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*. Maia: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1990-1993. (4 Volumes).
- Dicionario de pronuncia da lingua galega*. Disponível em: <http://ilg.usc.es/pronuncia/?q=&l=1>
- FONTE, J. S. *Rumores da escrita, vestígios do passado: uma interpretação fonológica das vogais do português arcaico por meio da poesia medieval*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.
- GALVES, C. A língua das caravelas: periodização do português europeu e origem do português brasileiro. In.: CASTILHO, A. de et al. (orgs.) *Descrição, História e Aquisição do Português Brasileiro*. Campinas: Pontes, 2007. p. 513-528.
- LEARNED, E. Old Portuguese vocalic final: phonology and orthography of accented *-ou*, *-eu*, *-iu* and *-ao*, *-eo*, *-io*. *Supplement to Language*, vol. 26, n.º 2, April-June 1950.
- LEITE DE VASCONCELLOS, J. de. *Lições de filologia portuguesa*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1959.
- MAIA, C. *História do galego-português*. 2ª edição. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, Junta de Investigação Científica e Tecnológica, 1997. Reimpressão da edição do INIC, 1986.
- MATEUS, M. H. M. A harmonização vocálica e o abaixamento de vogais nos verbos do português. In.: *Língua Portuguesa: estruturas, usos e contrastes*. Volume comemorativo dos 25 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto. Porto, 2003.
- MATTOS E SILVA, R. V. *O Português Arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.
- MESSNER, D. Conjecturas sobre a periodização da língua portuguesa. In: MASSINI-CAGLIARI, G. et.al. (Org.). *Descrição do português: lingüística histórica e historiografia lingüística*. Araraquara: Laboratório Editorial da FCL/UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2002. p. 97-117. Série Trilhas Lingüísticas, n. 3.
- MICHAËLIS DE VASCONCELOS, C. *Lições de Filologia Portuguesa*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1946.
- NUNES, J. J. *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa: fonética e morfologia*. 6ª ed. Lisboa: Livraria Clássica, 1960.
- PIEL, J. M. A flexão verbal do português: estudo de morfologia histórica. *Biblos*, n. 20, p. 395-404, 1944.
- PIMPÃO, A. J. da C. *Poetas do Cancioneiro Geral*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1942.
- RAMOS, M. A. Nota Lingüística; Critérios de edição; Normas de transcrição. In: GONÇALVES, E.; RAMOS, M. A. *A lírica galego-portuguesa (textos escolhidos)*. 2ª edição. Lisboa: Editorial Comunicação, 1985. p. 81-127.
- ROCHA, A. C. *Garcia de Resende e o Cancioneiro Geral*. 2ª ed. Lisboa: ICALP, 1987.
- SILVA NETO, S. da. *História da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1952.
- SARAIVA, F. R. dos S. *Novíssimo Dicionário Latino-Português: etimológico, prosódico, histórico, geográfico, mitológico, biográfico, etc.* 12ª ed. Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2006.
- WILLIAMS, E. B. *Do Latim ao Português: fonologia e morfologia histórica da língua portuguesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975. (1ª edição: 1938)
- XAVIER, M. F.; MATEUS, M. H. M. (Org.). *Dicionário de termos lingüísticos*. Lisboa: Cosmos, 1990. v. 1.